

Eu é um outro

Resenhas

eu é um outro | vera schroeder*

Roberto Freire. *Eu é um outro: autobiografia de Roberto Freire*. Salvador, Maianga, 2003, 448 pp.

*“Talvez isso explique as aventuras de minhas
precisas navegações
terem se tornado absurdamente apaixonadas e tormentosas,
uma luta para atender, simultaneamente,
aos apelos do Eu que era um outro,
mas só meu,
e os do Eu que era apenas eu,
mas, em verdade, de todos os outros.”²¹*

* Vera Schroeder é somaterapeuta.

A vida de Roberto Freire parece ter sido desde cedo costurada através de três fios: arte, ciência e política. A impressão que se tem ao ler sua autobiografia é que realmente só havendo outros eus para dar conta de tantas criações, sonhos e, principalmente, concretizações. Literatura, medicina, teatro, jornalismo, psicanálise, cinema, somaterapia. Tudo isso sempre entremeadado, sendo realizado praticamente ao mesmo tempo e com urgência. A sensação é de estar frente a uma rendeira que entrelaça os fios de vários bilros, deixando os olhos dos expectadores atordoados com sua rapidez e maestria.

Ele nasceu em 1927 no Bixiga, bairro de imigração italiana de São Paulo. Moleque tímido e gago, jogava bola na várzea que hoje é o Ibirapuera. José Luis Pati, o Zé Luiz, foi seu primeiro e grande amigo. Companheiro nos primeiros chopp's, nas trocas de confidências sobre experiências sexuais, namoradas e nas longas discussões sobre literatura, poesia, militância política, marxismo e anarquismo.

Formou-se em Medicina pela Escola Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro, desenvolvendo projetos no Instituto de Biofísica, dirigido por Carlos Chagas e, mais tarde, no Collège de France, em Paris. Lá recebe o convite de Alfredo Mesquita para lecionar na Escola de Arte Dramática — EAD. Fez formação em Psicanálise com o austríaco Henrique Schloman. Em 1958 estreiou a sua primeira peça, Quarto de Empregada. Aproximou-se do grupo do Teatro de Arena, escreveu a peça *Gente como a Gente* — com direção de Augusto Boal e cenários de Flávio Império — e *Sem Entrada e Sem Mais Nada* - dirigida por Antunes Filho.

Em 1962, Freire entrou para o grupo Ação Popular, organização socialista subversiva, e participou da criação do jornal tablóide *Brasil, Urgente*. Foi presidente da

Eu é um outro

Associação Paulista da Classe Teatral e presidente do Teatro Brasileiro de Comédia. Como diretor do Serviço Nacional de Teatro elaborou o Plano Nacional de Popularização do Teatro, usando o teatro como um instrumento de conscientização da realidade social e política, além de possibilitar o acesso ao equipamento cultural em várias cidades do interior do Brasil.

“Os homens estão vivos, mas o seu amor está morto. Assassinado.

Um matou a possibilidade de amor do outro.

A lei é essa mesma: amor por amor, para que não haja amor!”¹

Com o golpe militar, foi preso inúmeras vezes. E na prisão, em folhas de jornais velhos usados para dormir, começou a escrever seu primeiro romance, *Cleo e Daniel*, inspirado na novela grega *Daphnis e Chloé*, de Longus.

Escreveu alguns seriados para a TV, como o *Gente como a Gente*, *João Pão* e mais tarde, em 1972, escreveu o seriado *A Grande Família* para a TV Globo.

Trabalhou com Samuel Weiner, no jornal *Última Hora* e em 1965 é convidado a participar de uma das mais importantes experiências jornalísticas brasileiras: a revista *Realidade*. Novamente exercendo seu amor pelo jornalismo e principalmente pelas reportagens, recebe o Prêmio Esso com a reportagem *Meninos do Recife*, na qual se fez passar por vendedor ambulante de cafezinhos para retratar a vida dos menores abandonados das ruas de Recife.

Neste mesmo ano, 1965, é jurado do I Festival Nacional de Música Popular Brasileira, na TV Excelsior, no qual Elis Regina vence com a música *Arrastão*, de Edu Lobo e Vinicius de Moraes. Participa também do último em 1972, o VII Festival Internacional da Canção Popular,

da TV Globo, realizado no Maracanãzinho, Rio de Janeiro. Este festival se encerrou num clima extremamente violento. Os militares exigiram a expulsão de Nara Leão, presidente do júri, o que gerou a revolta de todos os jurados. Após subir ao palco e começar a ler um manifesto redigido coletivamente, é retirado do palco por policiais, que lhe aplicam uma tremenda surra e o deixam estendido no camarim.

Como diretor artístico, integra o grupo responsável pela criação do Tuca, o Teatro da PUC de São Paulo. Com direção de Silnei Siqueira e cenografia de José Armando Ferrara, seis meses após a fundação do teatro, estréiam o primeiro espetáculo: *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto e músicas de Chico Buarque. Na sua autobiografia, Freire relembra esta bela experiência autogestionária vivida pelo grupo de profissionais e estudantes da PUC. Em um texto redigido pela equipe durante o Festival Mundial de Teatro Universitário de Nancy, França, fica evidente a importância política nas suas criações:

“Um drama que se propõe universal, um espetáculo de condição social, nunca poderia ser concebido pela adição aritmética das visões pessoais do autor, do encenador, do cenógrafo, do músico e dos atores. Por conseguinte, optou-se por um trabalho de criação em equipe. (...) Do povo para o povo e entre os indivíduos de cada povo. (...) O que faz com que os temas não possam ser privados de música, sobretudo de canto geral (...)”.

Sua segunda montagem no Tuca foi a peça *O & A*, com suas apresentações suspensas logo após a estréia. Era decretado o AI-5.

Em 1969 Roberto Freire realizou um outro grande sonho: levar para as telas de cinema o romance *Cleo e Daniel*. Alguns problemas na administração do projeto

acabaram dificultando a finalização do filme, que contou com a participação de Irene Stefania como Cleo, Chico Aragão fazendo o papel de Daniel, além de Myriam Muniz, Betariz Segall, Lélia Abramo, Sady Cabral, John Herbert, entre outros.

Extremamente insatisfeito com o resultado final do filme, Roberto Freire resolve ir novamente à Europa. Em Paris assiste à peça *Paradise Now*, do grupo norte-americano Living Theater, dirigido por Julian Beck e Judith Malina. A técnica de interpretação utilizada pelo grupo chamou muito a atenção de Roberto Freire, além do impacto produzido pela peça. Ao final do espetáculo, Roberto Freire foi ao encontro de Julian Beck, que lhe contou sobre os exercícios corporais realizados a partir da obra de Wilhelm Reich (1897-1957). É desta maneira, um tanto inusitada para alguém que havia feito Medicina e realizado formação em Psicanálise, que Freire iniciou seus estudos sobre as teorias reichianas, retornando à Psicologia. Hoje, Freire e José Ângelo Gaiarsa são considerados os precursores da teoria reichiana no Brasil, teoria esta ainda bastante sonogada nas universidades.

De volta ao Brasil, Roberto Freire desenvolveu trabalhos no recém-criado Centro de Estudos Macunaíma, casa que foi de Mário de Andrade, na rua Lopes Chaves. A equipe era formada por Myriam Muniz, Sylvio Zilber e Flávio Império (1935-1985), um dos mais importantes cenógrafos brasileiros, que se definia desta maneira: “Não sou pintor, nem cenógrafo, nem professor, nem arquiteto; ando na contramão das profissões, sou só um curioso”.

Mais tarde foi morar nesta casa, que era de Myriam e de Sylvio, onde alugava um pequeno quarto no segundo andar. Como descreve Roberto na autobiografia, “(...)

a Soma foi nascendo neste ambiente. Pesquisávamos juntos os exercícios para o desbloqueio da criatividade para o aprendizado do teatro e esses mesmos exercícios eu aprofundava e desenvolvia para a produção do desbloqueio neurótico. Discutíamos muito as teorias e a aplicação das teses de Reich, especialmente as referentes à energia vital e ao desbloqueio da couraça neuromuscular (...).”

E foi lá no Centro de Estudos Macunaíma, em 1972, que Roberto Freire voltou a trabalhar como terapeuta, realizando os primeiros grupos de Soma. Para ‘tecer’ a Soma, Roberto Freire utilizou outros fios além do reichiano, como, por exemplo, a teoria gestáltica de Frederick Perls e o Anarquismo. Porém, um fio importantíssimo foi a obra *Corpos em Revolta*, de Thomas Hanna, principalmente na compreensão dos aspectos antropológicos e filosóficos do ser humano. As pesquisas de Hanna apontavam para o mesmo caminho e tinham o mesmo olhar científico e ao mesmo tempo poético que os estudos e a obra de Freire. Como se Hanna fosse também um outro eu no Eu de Roberto Freire.

“(...) Soma não quer dizer ‘corpo’, significa Eu, o ser corporal. O soma é vivo; ele está sempre contraindo-se e distendendo-se, acomodando-se e assimilando, recebendo energia e expelindo energia. Soma é pulsação, fluência, síntese e relaxamento. Os somas humanos são coisas únicas que estão ejaculando, peidando, soluçando, trepando, piscando, pulsando, digerindo. Somas são coisas únicas que estão sofrendo, esperando, empalidecendo, tremendo, duvidando, desesperando. Somas humanos são coisas convulsivas: contorcem-se de riso, de choro, de orgasmos. Os somas são os seres vivos e orgânicos que você é nesse momento, nesse lugar onde você está. O soma é tudo o que você é, pulsando dentro dessa membrana frágil que muda, cresce e morre, e que foi

Eu é um outro

separada do cordão umbilical que unia você — até o momento da separação — a milhões de anos de história genética e orgânica dentro desse cosmos (...)”².

Através da Somaterapia, Roberto Freire trabalhou em vários estados brasileiros, divulgando a ‘Soma — uma terapia anarquista’ em inúmeras palestras, simpósios e em oficinas. Em seus livros — mais de 20 títulos publicados — suas idéias em torno do amor, da amizade e do pensamento libertário sempre estiveram presentes, como, por exemplo, nos livros *Utopia e paixão*, *Coiote*, *Sem Tesão não há solução* e *Ame e dê vexame*. Atualmente, Roberto Freire está trabalhando em mais um romance, desta vez policial. Além disso, ainda este ano lançará um CD, no qual estará acompanhado dos músicos Tuco e Paulo Freire — seus filhos — declamando poesias de Arthur Rimbaud, Leo Ferré, e poemas de sua autoria. É membro do Coletivo Anarquista Brancaleone, do qual fazem parte os somaterapeutas João da Mata, Jorge Goia e Vera Schroeder.

Como se vê, estes bilros não param de tecer novas peças. E quem observou esta ‘rendeira’ com atenção, viu que de tanto defender a liberdade e a ideologia do prazer, Freire nos ensinou a fazer renda e também a namorar.

Notas

¹ Roberto Freire. *Eu é um outro: autobiografia de Roberto Freire*. Salvador, Maianga, 2002.

² Frase do personagem Benjamim, no livro *Cleo e daniel*.

³ Thomas Hanna. *Corpos em revolta: a evolução-revolução do homem do século XX em direção à cultura somática do século XXI*. Rio de Janeiro, Editora Mundo Musical, 1970. Tradução de Vicente Barreto.